

N. 13 NOV 2018

retratos

A REVISTA DO IBGE

são francisco

o rio que resiste



i

4
acesso à água e
ao saneamento



b

6
velho Chico
pede passagem



b

12
profissões
ribeirinhas



g

18
cabeço:
um povoado
que sumiu
na foz



24
quatro vezes
Chico

g

26 O IBGE de José Arnaldo

Retratos volta a circular após uma pausa de quatro meses determinada pela Instrução Normativa nº1/2018, da Secretaria Especial de Comunicação da Presidência da República (Secom), que restringiu a publicação de conteúdos noticiosos pelas instituições ligadas ao Poder Executivo durante o período eleitoral.

Em clima de reestreia, resolvemos dedicar uma edição inteira ao Rio São Francisco. Quem vê a nascente do Velho Chico no alto do Parque Nacional da Serra da Canastra, em Minas Gerais, não imagina que aquele pequeno curso d'água ganha cada vez mais volume ao longo dos 2.700 quilômetros que percorre até desaguçar no Oceano Atlântico, na divisa entre Sergipe e Alagoas.

Em toda sua extensão, ele banha um total de 507 municípios e atravessa a vida de quase 14 milhões de pessoas, de acordo com dados do Censo 2010. Algumas dessas pessoas receberam de braços abertos a equipe de reportagem da Retratos, mais precisamente os moradores de Propriá, Brejo Grande e Santana do São Francisco - municípios localizados na foz do São Francisco, em Sergipe.

Nas conversas com pescadores, artesãos, agricultores e outros profissionais foi possível ver que os sinais de degradação do rio e de seu entorno são fontes de preocupação. Muito já se perdeu, mas o rio sobrevive e sua gente luta por ele. Tradições, belas paisagens e o balanço do barco na travessia, embalado pelas histórias de amor ao rio contadas pelo barqueiro, foram fontes de inspiração para as reportagens das jornalistas Mônica Marli e Irene Gomes, e para a fotógrafa Licia Rubinstein.

Vale ainda lembrar que a Retratos nº 13 é a edição comemorativa do primeiro ano da revista. Fizemos alguns ajustes no projeto gráfico, como o novo sumário e o desenho desta página que você está lendo. Também trazemos uma proposta de interseção de editoriais, como na matéria “Quatro vezes Chico”, que integra geografia e estatística em uma só pauta.

Obrigado pelo apoio e boa leitura!

Equipe da redação

EXPEDIENTE

Presidente

Roberto Olinto Ramos

Diretor-Executivo

Fernando José de Araújo Abrantes

Diretoria de Pesquisas

Cláudio Crespo

Diretoria de Geociências

João Bosco de Azevedo

Diretoria de Informática

José Sant' Anna Bevilacqua

Centro de Documentação e

Disseminação de Informações

David Wu Tai

Escola Nacional de Ciências Estatísticas

Maysa Sacramento de Magalhães

UNIDADE RESPONSÁVEL

Coordenação de Comunicação Social

Diana Paula de Souza

Editor

Marcelo Benedicto

Editora assistente

Marília Loschi

Editora de arte

Simone Mello

Editora de fotografia

Licia Rubinstein

Projeto gráfico

Helga Szpiz e Simone Mello

Reportagem

Helena Tallman, Irene Gomes, Marcelo Benedicto, Marília Loschi e Mônica Marli

Editoração eletrônica

Licia Rubinstein, Pedro Vidal e Simone Mello

Foto da capa

Licia Rubinstein

Fotografia

Licia Rubinstein

Ilustração

Licia Rubinstein e Pedro Vidal

Tratamento de imagens

Licia Rubinstein

Logística de distribuição

Helena Pontes

Colaboradores

Unidade Estadual do IBGE/Sergipe
Agência IBGE/Propriá

Revisão de textos

Marília Loschi

Anúncio

Coordenação de Marketing

Impressão

Alter Gráfica e Editora Eireli-me

Tiragem

30.000 exemplares

ISSN

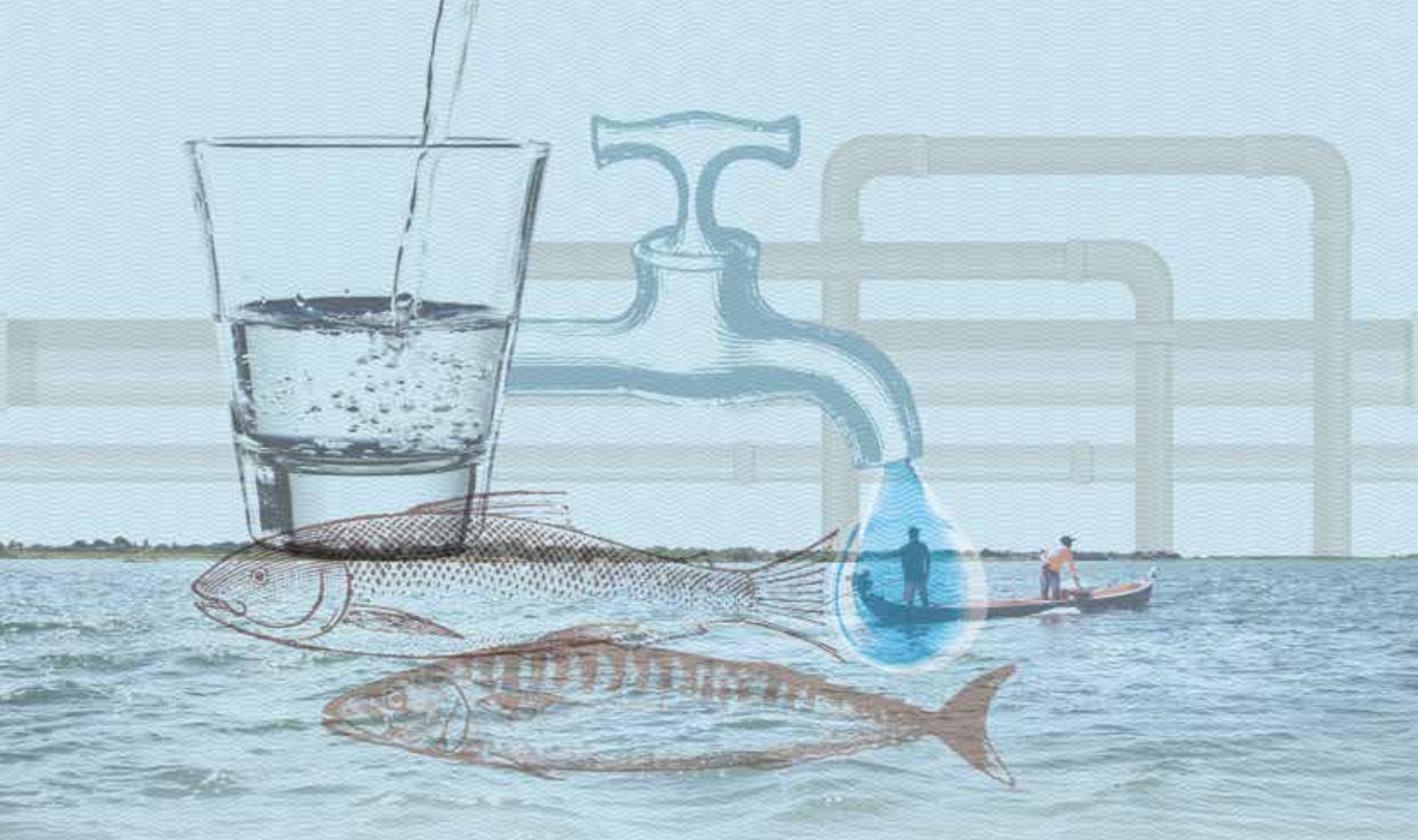
2595-0800

Retratos a Revista do IBGE é uma publicação mensal do Instituto para distribuição interna e externa. A publicação não é comercializada. Todos os direitos são reservados. Caso queira reproduzir as matérias e as imagens desta edição, entre em contato através do nosso e-mail. A publicação das informações individuais na Retratos foi autorizada pelos entrevistados. Críticas e sugestões: revistaretratos@ibge.gov.br



Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Avenida Franklin Roosevelt, 166 sala 900 A - Centro - Rio de Janeiro - RJ 20021-120



Acesso à água e ao saneamento



A oferta de água e de saneamento básico é essencial à vida das pessoas e do meio ambiente. Mas a oferta, pura e simples, não é suficiente para garantir desenvolvimento sustentável. O pesquisador do IBGE Bruno Perez comenta a necessidade de se combinarem acesso e gestão da água para garantir a sustentabilidade no uso desse precioso recurso.

texto
Marília Loschi
arte e design
Licia Rubinstein

Revista Retratos Em meio a tantos objetivos importantes, o que podemos destacar desse objetivo?

Bruno Perez O objetivo aborda a questão tanto do acesso individual à água para consumo humano e ao saneamento no domicílio, como também o impacto das atividades humanas no meio ambiente. Aborda aspectos como o estresse hídrico – que é a quantidade de

água retirada em relação à água que está disponível no ambiente – e a saúde dos ecossistemas aquáticos. Esses aspectos são bastante importantes do ponto de vista da saúde, porque a gente sabe que a água, quando não é gerida de forma segura para a população, é um vetor de doenças, com forte impacto na mortalidade infantil. Do ponto de vista do meio ambiente, a pressão da atividade humana

é crescente e tem provocado impactos cada vez maiores e isso é uma questão crítica para o desenvolvimento.

Retratos Em termos de indicadores, o que a gente consideraria um desafio?

Bruno Dos onze indicadores, talvez os mais relevantes sejam o de acesso à água pela população e o de estresse hídrico. No caso brasileiro, talvez o maior desafio

OBJETIVO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL 6: ASSEGURAR A DISPONIBILIDADE E GESTÃO SUSTENTÁVEL DA ÁGUA E SANEAMENTO PARA TODAS E TODOS

esteja hoje na parte de esgotamento sanitário, mais do que na oferta da água. O Brasil já tem uma cobertura do acesso à água bastante elevada, mas isso não significa que nosso problema de acesso está resolvido. Mas temos mais dificuldade com o esgotamento sanitário. Temos outro desafio: em uma realidade como a brasileira, com áreas rurais mais isoladas ou menos adensadas, não há proposta de rede de esgoto, ou até mesmo de água. As pessoas terão formas de acesso individual, que podem ser inadequadas. Nas pesquisas domiciliares do IBGE, a gente tenta identificar algumas formas, mas a quantidade de informações é limitada. E as definições nos indicadores da ONU não batem com as categorias das pesquisas domiciliares do IBGE, e isso é um problema.

Retratos Vários ODS se expressam de formas diferentes porque os países têm culturas diferentes. Haveria formas culturais de lidar com o saneamento que fossem obstáculos para termos saneamento adequado no Brasil?

Bruno Se você olhar o ODS 6.2, na mesma meta tem vários pontos. Todos os países têm que avançar; alguns países terão

que reduzir a defecação a céu aberto, por exemplo. Acho que no Brasil, devido à desigualdade regional muito grande, às vezes essas realidades também se expressam de forma diferente. Então, quando a gente olha, por exemplo, a questão da defecação a céu aberto, nacionalmente ela não é relevante, fica em torno de 3% ou 2%. Não é um número muito alto, na população mundial há países com mais de 50%. Mas, regionalmente, a proporção é elevada. No Maranhão e no Piauí, cerca de 10% da população está nessa situação. Em alguns municípios do interior desses estados, essa situação chega a mais da metade da população, semelhante ao que se verifica na Índia. Mas eu não apontaria, nesse aspecto, a cultura. Acredito estar mais ligado à questão do próprio desenvolvimento econômico, da oferta de serviços públicos, são áreas que coincidem com pobreza extrema.

Retratos Da mesma forma, quando falamos de água, também falamos de outros fatores, como meio ambiente, saúde. Como o ODS 6 se relaciona com os outros ODS?

Bruno Sim, ele se intercala com outros objetivos. O obje-

tivo 11, sobre cidades, quando se fala de ter uma moradia adequada na cidade, inclui acesso à água e ao saneamento básico. Há uma série de intercessões com outros objetivos, como o de saúde, que é muito importante, e mesmo o de educação. Dentro do ODS de educação tem um indicador de acesso a saneamento, nos banheiros das escolas, acesso à água. São vários pontos de ligação.

Retratos Tem alguma coisa que você destacaria nesse objetivo que se relaciona com a situação do rio São Francisco?

Bruno Na verdade, a relação do rio e da transposição se relaciona com vários indicadores. Por um lado, o acesso à água de algumas populações, que também está ligado à eficiência do uso da água e ao estresse hídrico. O problema é que, em algum sentido, às vezes uma medida que você faz para avançar numa direção vai ser refletir negativamente em outra. É um pouco evidente, pois se você aumenta a oferta da água, isso pode se refletir em estresse hídrico. Para ser sustentável você precisa olhar para todos os indicadores; se você escolher só um, ele pode estar melhorando, mas de forma não sustentável. ■



Marina Cardoso

Bruno Perez

é graduado em jornalismo pela USP. No IBGE, é coordenador do ODS 6.



velho Chico

pede passagem

texto Helena Tallman e Marcelo Benedicto
fotos Licia Rubinstein design Simone Mello

O São Francisco segue seu curso sem vontade de parar, nem mesmo quando se depara com um obstáculo natural ou criado pelo homem. O rio tem pressa e muito a fazer, pois da força de suas águas depende a sobrevivência de muita gente que mora em seu entorno e muito além dele.



desde a nascente, no alto do Parque Nacional da Serra da Canastra, em Minas Gerais, até encontrar o Oceano Atlântico, na divisa de Alagoas com Sergipe, o Rio São Francisco percorre 2.700 quilômetros levando a água que dá vida ao Semiárido. Ao longo do percurso, ele ainda atravessa os estados da Bahia, Pernambuco, Goiás e o Distrito Federal, perpassando 507 municípios e fazendo a ligação estratégica entre as regiões Sudeste e Nordeste do país.

O pequeno curso d'água lá no alto da serra mineira, cercado de montanhas e protegido pelo verde da paisagem, ganha volume à medida que avança em direção ao litoral nordestino graças à contribuição de mais 36 rios. É assim que o “Velho Chico” e seus afluentes formam a maior bacia hidrográfica totalmente brasileira, que drena uma área de 640 mil quilômetros quadrados e ocupa 8% do território nacional. É tanta água junta que, em certos trechos, a vista quase não alcança a outra margem e um barco parece um ponto perdido na imensidão de um oceano.

A Bacia Hidrográfica do São Francisco ocupa porções de três biomas: Cerrado (de Minas Gerais ao oeste e sul da Bahia), Ca-

atinga (nordeste baiano) e Mata Atlântica (no Alto São Francisco, principalmente nas cabeceiras). A interação do rio com ambientes tão diferentes proporciona uma rica biodiversidade, cujos recursos vêm sendo amplamente explorados pelo homem.

Das águas do rio, pescadores e barqueiros tiram o sustento há muitas gerações. Às suas margens, a agricultura e a pecuária se desenvolvem a passos largos. A vegetação e os minérios extraídos do subsolo também impulsionam a economia local. No leito do Velho Chico, estão instaladas as usinas Três Marias, Sobradinho, Paulo Afonso, Itaparica e Xingó, que geram energia elétrica para abastecer todo o Nordeste e parte de Minas Gerais.

Tantas possibilidades de aproveitamento dos inúmeros recursos naturais característicos da Bacia do São Francisco inegavelmente geram riqueza, mas na mesma medida esses usos acarretam graves problemas ambientais. Desmatamento, degradação do solo, assoreamento dos leitos dos rios, poluição, escassez hídrica e prejuízos à pesca e à navegação são algumas das consequências do uso descontrolado e pouco sustentável desses recursos.

SECAS PREJUDICAM VAZÃO

As adversidades climáticas também dificultam a sobrevivência do rio. A bacia tem um dos menores níveis precipitação do país, fato que se agravou e a colocou em situação crítica nos últimos anos. Dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) revelam que a distribuição anual das chuvas na Região Nordeste apresentou forte queda entre 1990 e 2017. Com isso, desde meados dos anos 1990 o São Francisco apresenta vazões anuais abaixo da média histórica.

Os impactos da escassez são visíveis no reservatório de Sobradinho, que armazena 60% do volume útil total da bacia do São Francisco. Entre 2014 e 2016, ele registrou as menores vazões médias anuais desde 1931, sendo necessário reduzir a liberação de água da barragem para garantir o abastecimento da população – estratégia adotada para todos os reservatórios do Velho Chico (situação inédita até então).

As progressivas reduções de vazão dificultam a geração de energia elétrica, pois Sobradinho é responsável por 58% da energia consumida na região. Recentemente, municípios de Alagoas e Sergipe, inclusive a capital

Vídeoreportagem

As histórias de resistência de quem vive nas margens do Velho Chico estão no vídeo disponível em <http://agenciadenoticias.ibge.gov.br>





Aracaju, se viram forçados a realizar obras emergenciais para aprofundar a captação de água no curso do rio.

Assim, apesar de as barragens erguidas no São Francisco serem bases para a geração de energia limpa (sem emissão de gases poluentes), essas construções alteram o fluxo natural dos rios e a dinâmica da vida aquática. De acordo com Anivaldo Miranda, presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio

São Francisco (CBHSF), ao agravarem o assoreamento do leito do curso d'água, também prejudicam a navegação.

Em relação aos peixes, informações do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Aquática Continental (Cepta) mostram que oito espécies do rio estão ameaçadas de extinção. Um caso emblemático é o do peixe conhecido como pirá, de grande valor comercial. Antes

A Bacia Hidrográfica do São Francisco ocupa porções de três biomas: Cerrado (de Minas Gerais ao oeste e sul da Bahia), Caatinga (nordeste baiano) e Mata Atlântica (no Alto São Francisco, principalmente nas cabeceiras).

Com a diminuição da vazão, o rio não tem tanta força para conter a entrada da água do mar, o que acarreta mudanças no ecossistema da foz.

abundante em toda a bacia do São Francisco, agora ele só é encontrado na região de Três Marias (MG).

VELHO CHICO VIRA DEPÓSITO DE RESÍDUOS

No entorno do São Francisco, os problemas ambientais também são visíveis. A retirada das matas ciliares, localizadas nas margens do rio, e de trechos da vegetação da Caatinga, do Cerrado e de florestas é uma das ações humanas que mais prejudicam os cursos d'água.

De acordo com o Plano de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do São Francisco 2016-2025, desenvolvido pelo CBHSE, entre 2002 e 2010, cerca de 47% da área total da bacia sofreu com ações de desmatamento voltadas para a produção de carvão vegetal e a abertura de áreas para a agricultura e a pecuária.

Um dos impactos negativos da retirada da mata é a impermeabilização do solo que, ao ter sua capacidade de infiltração reduzida, prejudica a recarga dos aquíferos subterrâneos. Outra consequência é a ampliação do processo de erosão do solo, cujos sedimentos, muitas vezes contaminados por agrotóxicos, passam a ser conduzidos em larga escala para os rios. O lançamento de esgoto sem tratamento e o despejo de resíduos de garimpos, mineradoras e indústrias em geral (metais pesados) também são fontes de poluição que afligem o rio.

NESSE RIO, CADA VEZ TEM MAIS MAR

As consequências da degradação do rio são sentidas com mais intensidade no Baixo São Francisco, que fica na divisa dos estados de Sergipe e Alagoas, onde o Velho Chico encontra as águas salgadas do Oceano Atlântico. E é justamente nesse encontro que cada vez mais o São Francisco vem levando desvantagem, pois, com a diminuição da vazão, o rio não tem mais tanta força para conter a entrada da água do mar, o que acarreta mudanças no ecossistema da foz.

De acordo com Claudio Stenner, coordenador de Geografia do IBGE, o normal em época de chuva é o rio encher, transbordar e levar uma grande carga de sedimentos para ser depositada na foz – o que contribui para a contenção das águas do mar. Porém, esse regime mudou após a construção das barragens, que passaram a represar grande volume de água e de sedimentos. Ainda segundo ele, o problema é reforçado pela diminuição das precipitações, acompanhada do maior uso da água do rio.

Mas, apesar de tudo isso, o Baixo São Francisco tenta sobreviver e manter, na medida do possível, suas riquezas naturais, culturais e humanas, como mostram as próximas reportagens, produzidas pela equipe da Retratos que foi conferir de perto a grandiosidade do Velho Chico e de sua gente. ■

Foto

Foz do Rio São Francisco, na divisa de Sergipe e Alagoas

Saiba mais

Os livros abaixo, que serviram de fonte para a reportagem, trazem mais informações sobre o Velho Chico. Eles podem ser acessados na Biblioteca Virtual do IBGE (<https://biblioteca.ibge.gov.br/>).

- Brasil: Uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI (2016)
- Vetores Estruturantes da Dimensão Socioeconômica da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (2009)







profissões ribeirinhas

Para quem o São Francisco é “tudo”, os sinais de degradação do rio provocam tristeza e angústia, mas não em doses suficientes para deixarem de persistir na luta pela sobrevivência do Velho Chico e de suas tradições. Assim são os trabalhadores do Baixo São Francisco.

texto Mônica Marli
fotos Licia Rubinstein
design Simone Mello



b





Uma foto do rio e os dizeres “Propriá – Princesinha do Baixo São Francisco” estampam a blusa que o professor de história e morador da cidade ribeirinha de Propriá (SE), Telmo Carlos de Oliveira, fez especialmente para a entrevista com a equipe da Retratos. Durante a conversa, cheia de falas emocionadas sobre o Velho Chico, o professor define a importância do Rio São Francisco para a população que vive no entorno de sua foz.

“Quando eu estudava história, lá no ensino fundamental, aprendi que o Nilo dava vida ao Egito. E a gente pode dizer a mesma coisa do Baixo São Francisco: toda essa região só existe por causa do rio. O São Francis-

co é tudo para nós”, declara.

O professor comenta que a identidade da população do Baixo São Francisco está diretamente ligada ao rio. “A gente não nasceu dentro das águas do rio, mas nasceu dentro de todo esse ambiente que o rio proporciona”, resume. Entre os exemplos, ele fala da comida à base de arroz e peixe, do costume de tomar dois a três banhos por dia, das danças, das cantigas e das lendas.

O rio influencia a cultura, os hábitos, o folclore e também as profissões. Nos dias em que esteve no Baixo São Francisco, a equipe da Retratos conheceu histórias de pessoas que dependem, ou já dependeram,

economicamente do rio. São arroteiros, barqueiros, ceramistas e pescadores, que, além do amor pelo Velho Chico, têm em comum a memória e a saudade dos tempos de fartura do São Francisco.

HISTÓRIAS DE PESCADORES

Celestino Lima Silva, também morador de Propriá, não demonstrou timidez frente às câmeras e gravadores que estavam a postos para a entrevista. Pelo contrário! Ao acomodar a equipe em cadeiras na porta de sua casa, ele fez tudo parecer um bate-papo entre amigos, uma cena comum das cidades do interior do Brasil. E foi nesse clima que Celestino falou sobre

Trabalhadores

Acima, o rizicultor Luiz Gonzaga do Nascimento ao lado do arrozal, de onde tira seu sustento

Ao lado, o pescador aposentado Celestino Lima Silva



sua história de vida.

Celestino começou a trabalhar como pescador aos 18 anos, seguindo os passos do pai. Hoje, aos 65 anos, ele está aposentado, mas não tem dúvidas na hora de responder se sente falta da profissão. “Saudade do tempo da pescaria? Claro que tenho, oxente”, fala prontamente.

O pescador conta que se aposentou há mais ou menos cinco anos e que, na época, vendeu todos os instrumentos de trabalho: rede, motor e barco. “Eu tinha quatro meses de um barco novinho”, lembra saudoso.

Mas Celestino comenta que, atualmente, a vida de





Tesouros do rio

O peixe, o arroz e o barro são algumas das riquezas que dependem do Velho Chico

pescador é muito mais difícil, devido aos problemas que o Rio São Francisco vem passando. “A gente está pescando praticamente dentro de um poço, porque o rio se acabou. Depois dessa ruma de barragem que existe aí, os peixes foram desaparecendo. O pescador que viver da pesca passa mal, não passa bem, não. Ou ele come o peixe e não vende ou ele vende e não come. Eu dei sorte que me aposentei”, afirma.

Já para José Nivaldo da Silva, de 48 anos, o sustento ainda vem da pesca. Durante uma carona em seu barco, o con-

terrâneo de Celestino mostrou à equipe da Retratos a situação do Baixo São Francisco e contou sobre as dificuldades da profissão. “Dá para arranjar o pão de cada dia, mas não está fácil, não”, ressalta.

Nivaldo trabalha como pescador artesanal há 20 anos, tem muito orgulho do que faz, mas espera que seus filhos não sigam o mesmo caminho. “Quero para os meus filhos um futuro melhor que o meu, porque a situação do pescador vem piorando. Do jeito que está aterrado, o rio não tem futuro”, lamenta.

O pescador se preocupa com o futuro dos filhos e dele próprio também. Seu maior medo é que o Rio São Francisco seque, os peixes se acabem e ele não tenha mais como ganhar dinheiro. “Com 49 anos, como vou arrumar emprego em uma firma?”, pergunta.

ADAPTAÇÃO DE ESPAÇOS E CULTURAS

No município de Telha, que faz parte do perímetro irrigado de Propriá, o cultivo de arroz é uma tradição centenária. E, em uma primeira olhada, a ativi-

“A gente está pescando praticamente dentro de um poço, porque o rio se acabou. O pescador que viver da pesca passa mal, não passa bem, não. Ou ele come o peixe e não vende ou ele vende e não come. Eu dei sorte que me aposentei”

Celestino Lima

dade ainda parece ser forte no local. O cenário, às margens do Velho Chico, é composto por arrozais, máquinas de colheita e muitos trabalhadores que passam o dia nessas tarefas.

Mas, segundo o arrozeiro Luiz Gonzaga do Nascimento, de 74 anos, o número de pessoas vivendo em torno do arroz era muito maior antes da seca. “Toda segunda-feira era um batalhão de pessoas que desciam para a vargem para trabalhar. Hoje em dia não tem quase ninguém, porque também não tem mais trabalho aqui”, ressalta.

Luiz Gonzaga conta que, mesmo para quem continuou na profissão, a forma de plantar arroz mudou com a escassez de cheias. “Antigamente, o rio enchia e cobria isso aqui [as várzeas] tudo. Quando o rio baixava, a gente ia plantando, no dedo. Aí com essas barragens lá para cima, o rio secou e as várzeas não encheram mais. Então fizeram canais e botaram bomba para a gente trabalhar, mas não é a mesma coisa”, fala.

E é nessa nova realidade que também trabalha o rizicultor Marcelo Novaes. Segundo ele, a tecnologia ajuda bastante, mas o volume de águas do rio continua sendo fundamental. “Quando baixa a vazão da água,

as bombas não captam”, explica.

Por não ter outra fonte de renda, o sergipano continua trabalhando com a plantação de arroz. “Antigamente eu plantava cinco lotes, hoje só dois. Eu tive que ceder áreas para outros amigos, senão eles ficariam sem nada”, comenta.

Mas, devido às dificuldades de produção e do próprio mercado, muitos produtores da região estão substituindo o cultivo de arroz pela piscicultura. “Hoje é basicamente o que está se produzindo, é a principal cultura aqui dentro do perímetro”, afirma o produtor José Haroldo, que vem fazendo essa mudança de cultura na sua propriedade.

De acordo com o produtor, o cultivo de peixe é uma cultura que não depende tanto do mercado quanto a de arroz. “A piscicultura ajuda a gente, porque você pode deixar o peixe no viveiro de 30 a 60 dias, e aguardar uma melhora dos preços no mercado. Já com a cultura do arroz, você tem que colher e se submeter ao mercado do jeito que tiver, senão você perde”, explica.

OS DEZ IRMÃOS CERAMISTAS

Em Santana do Baixo São Francisco, em Sergipe, a equipe da Retratos conheceu a família

Soares, formada por dez irmãos que trabalham juntos com artesanato em cerâmica.

O irmão mais velho, Júlio, de 55 anos, foi o primeiro a entrar para o ofício, seguindo os passos de um tio. Atualmente, no ateliê, ele trabalha de frente para o rio: “O São Francisco é minha inspiração. É meu pano de fundo, cartão postal”, diz, orgulhoso.

Mas Júlio conta que o Rio São Francisco mudou muito desde quando ele começou a trabalhar. O artesão acredita que a escassez de água ainda não afetou a cerâmica. O irmão Isaac Soares parece menos otimista e acredita que, com o São Francisco secando, a argila também corre perigo. “A enchente do rio ajudava muito a renovar o barro, mas já vai fazer 14 anos que esse rio não enche de transbordar. O barro é a matéria-prima da gente. E pode, sim, um dia esgotar”, afirma.

Quando não estão trabalhando, os Soares gostam de passar o dia no rio, tomando banho, pescando e contemplando a paisagem. “Rio é vida”, destaca Júlio. E Isaac completa: “É muita coisa! Apesar de ele estar assim bem fraquinho, temos que dar graças a Deus de ele ainda estar aí”. ■

cabeço

um povoado que sumiu na foz

texto Irene Gomes fotos Licia Rubinstein design Simone Mello





Solitário no meio do mar, inclinado pela correnteza, o farol do São Francisco do Norte lembra a história de um vilarejo que desapareceu na foz do Velho Chico. Instalado em 1873, o farol que orientou embarcações por mais de 120 anos ficava em terra firme, atrás da igreja do Bom Jesus, no povoado do Cabeço.

“A comunidade tinha mais ou menos umas 150 casas”, conta Chico, morador de Brejo Grande, município do lado sergipano da foz. “Tinha padaria, tinha escola... De lá pra cá, o mar derrubou tudo sem parar. Acabou cemitério, acabou tudo”, relembra, e prossegue em tom de brincadeira: “Até defunto morreu afogado!”

A ilha do Cabeço fica bem na foz do Rio São Francisco e faz parte do município de Brejo Grande. Ali, na região chamada de Baixo São Francisco, o rio divide os estados de Alagoas e Sergipe e deságua no Atlântico. Até os anos 1990, a comunidade vivia principalmente da pesca, mas também do cultivo de arroz e de coco. Foi nessa década, após a construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Xingó, que o mar invadiu o povoado.

Chico foi o guia que nos levou para conhecer a paisagem da foz, as ruínas do vilarejo e o farol que testemunha a época em que o rio venciu o mar. Para chegar lá, pegamos um barco na comunidade de Saramém e entramos em um dos braços do delta, para desembarcar com segurança na outra ponta ilha.

Por dentro do rio, o mangue é verde. A maré estava cheia e o mar batia forte na pequena foz que se formava próxima ao local onde desembarcamos. De lá, caminharíamos pela costa até chegarmos à foz propriamente dita.

Uma paisagem exótica e selvagem nos aguardava do outro lado do mangue, à beira do Atlântico. Árvores de galhos secos e suas raízes suspensas formavam um labirinto retorcido sobre a areia. Estrondoso, o mar subia pelo mangue seco, e o nosso caminho ficou mais longo: “na maré baixa, a gente cruza pela parte de baixo da praia”, explicou o guia.

Chico conta que aquele local, antes, era um manguezal. “Tinha caranguejo, muito macaco, guaxinim, raposa... Aí o mar derrubou o mangue... O mar foi chegando e botou água salgada onde era água doce. Matou os coqueiros, a vegetação”.

Conforme avançamos em direção à foz, a faixa de areia fica mais extensa e avistamos algumas lagoas de água salobra. Atrás das dunas, o farol do São Francisco do Norte desponta, dando a ilusão de que ainda se encontra em terra.

O MAR AVANÇA

Mas é só ilusão. O farol está bem no meio do mar, diz-se que a aproximadamente 500 metros da costa. Foi neste ponto da praia, bem em frente ao farol, na areia entre uma lagoa e o mar, que encontramos a família do seu Manuel dos Santos. Na barraca de palha onde estavam, havia isopor com gelo, fogareiro e um poço cavado por eles mesmos, com menos de um palmo de água doce.

O pescador de 55 anos hoje mora em Piaçabuçu, município do lado alagoano da foz. Mas seu Manuel também já morou no Cabeço e conta que chegou lá muito pequeno. “Isso aqui mudou muito! Eu me lembro de tudo, porque fui criado nessa fazenda. A fazenda Arambipe era muito grande, ia lá no meio mar. O farol ainda está no meio do mar, o resto, acabou tudo”. Seu Manuel saiu do Cabeço aos 17 anos: “quando começa a não dar certo mais, a



gente já vai procurando outro meio.... e daí por diante”.

Frequentemente, ele e a família voltam para passear e pescar na região. Como um troféu, ele exhibe o peixe gereba de 7 quilos que haviam pescado mais cedo. “Esse peixe é do mar e é do rio”, esclarece. Mas lamenta que a pescaria não é mais como antes: “A pescaria tá devagar, devido ao Rio São Francisco estar se acabando, secando... isso tem maltratado muito a gente que véve (sic) da pesca...”

Fotos

À direita: paisagem do mangue seco à beira do mar

Abaixo: ruínas da comunidade do Cabeço

O início do Cabeço

Há mais de 100 anos, o Cabeço se estabeleceu como uma ilha de pescadores. A Marinha regulava o desenvolvimento local, cedendo terras da fazenda Arambipe. Cabia à Marinha controlar o crescimento das casas, impedir a entrada de pessoas externas e novas construções. O interesse era defender a costa. Assim, em busca de melhores condições, muitos pescadores da região foram viver no Cabeço. No povoado, havia escolas, igreja, cemitério, padaria, praça, bar, além de poços artesanais para o abastecimento de água, mas não havia energia elétrica.



Muitas espécies de peixes estão sumindo do rio: “Pilombeta, piau, xirá... hoje não tem mais os peixes de água doce que ficavam nos riachos em Brejo Grande, em Brejão... Camarão de água doce também sumiu”, explica Chico. “Só tem peixe de cativeiro: tilápia, tambaqui. E camarão de viveiro”, complementa seu Manuel.

Também o cultivo de arroz e de coco na região foi afetado pela salinização da


água e diminuição da vazão do São Francisco, que matou os coqueiros e afetou as áreas inundáveis onde se cultivava o arroz. Seu Manuel conta também que, antes, em Piaçabuçu, eles bebiam e usavam a água doce do rio, mas agora precisam comprar água mineral: “nem água pra tomar banho tem, porque a água é salgada. A gente tem que buscar água pelas horas das marés... E já tem gente até ficando com a



Troféu

Seu Manuel e a família exibem o peixe gereba





pressão alta por causa da água salgada”.

A DINÂMICA DAS ÁGUAS

Tanto Seu Manuel como Chico atribuem o avanço do mar à construção das barragens rio acima: “O Rio São Francisco tá sofrendo devido às barragens. Isso atrapalhou as águas a descerem, não vem mais aquela água de Minas, da Serra da Canastra”, explica Chico. “Não temos mais água de rio devido a essas barragens aí, né? E a gente continua sofrendo aqui embaixo. Sofrendo bastante”, relata seu Manuel.

De fato, a construção de barragens provoca alterações significativas na dinâmica natural de rios, de estuários, da zona costeira e, consequentemente, o recuo das margens.

O coordenador de geografia do IBGE, Claudio Stenner, explica que, ao longo de milhões de anos, o rio carrega sedimentos do continente e os deposita junto à foz, avançando em relação ao mar. Porém, com a construção de barragens, boa parte dos sedimentos não chega mais a esse ponto. Dessa forma, reduz-se a capacidade do rio de depositar sedimentos, o que acarreta a erosão da costa. O controle de cheias e vazões das hidrelétricas também interfere no depósito de sedimentos, pois muda a sazonalidade natural dos rios.

Além disso, Stenner explica que o processo estrutural de ocupação da bacia do São Francisco, tanto urbana quanto agropecuária, vem causando degradação e perda de vegetação natural em muitas áreas. “Isso leva a uma redução na capacidade de recarga de todo o sistema:

sem a vegetação, quando chove, a água escoar e não tem armazenamento, o que também causa um maior assoreamento do rio”.

Outro fator é a disputa pelo uso da água: o volume de água do rio é limitado, e a água do Velho Chico é fundamental para o abastecimento, para a irrigação, para a produção de energia. “Esse gerenciamento nem sempre é isento de conflito porque, se eu aumento a produção de energia elétrica, reduzo a água para irrigação. Se eu seguro a água na barragem, reduzo a vazão na foz. Se reduzir a vazão da foz, o mar vai entrar mais”, exemplifica Stenner.

Acrescente-se a tudo isso a questão do aquecimento global, que, apesar de não ser consenso, pode estar relacionado ao fenômeno, intensificando os ciclos naturais de seca e reduzindo o volume de água do Rio São Francisco.

O CABEÇO E A FOZ

Com todos esses fatores acontecendo rio acima, o Velho Chico chega sem força à sua foz e vai perdendo espaço para as águas salgadas do Atlântico. Quando chegamos ao que restou, em terra, do antigo povoado, encontramos o silêncio e as ruínas de lares que abrigaram sonhos de uma vida melhor. Até hoje, alguns ex-moradores mantêm o que sobrou de suas casas, onde passam temporadas de pesca. Na foz, enquanto esperávamos o barqueiro nos buscar, aflitas pois a maré estava secando e corríamos o risco de o barco atolar, uma chuva forte chegou do mar. Passageira, como foi o povoado do Cabeço na foz do Velho Chico. ■

Saramém

O vilarejo de Saramém também se localiza na margem da foz do São Francisco e faz parte do município de Brejo Grande. Foi para lá que a população do Cabeço se mudou após a invasão do povoado pelo mar. Atualmente, a comunidade conta com 644 moradores, que vivem basicamente da pesca.

Brejo Grande

O município de Brejo Grande também já foi uma ilha, chamada de Paraúna e habitada por índios Tupinambás. No início do século XIX, o canal que a separava do continente, em sua margem sul, foi aterrado, e migrantes alagoanos, pernambucanos e cearenses se estabeleceram, fundando o povoado. Brejo Grande fazia parte de Vila Nova (atual Neópolis), sendo emancipado em 1926, com o nome de São Francisco. Depois, passou a se chamar Parapitinga, até que, em 1954, voltou a se chamar Brejo Grande. Em 2018, sua população foi estimada em 8.264 habitantes. O município ocupava, segundo o IBGE, em 2010, a penúltima posição em termos de esgotamento sanitário adequado no estado de Sergipe.

quatro VEZES Chico

texto Marcelo Benedicto
design Simone Mello
ilustração Pedro Vidal

Os 2.700 km de extensão do Rio São Francisco são divididos em quatro regiões:

- **Alto São Francisco**, da nascente até Pirapora (MG);
- **Médio São Francisco**, entre Pirapora e Remanso (BA);
- **Submédio São Francisco**, de Remanso até Cachoeira de Paulo Afonso (BA);
- **Baixo Rio São Francisco**, de Paulo Afonso até a foz no Oceano Atlântico (SE).

* Alguns municípios estão computados em mais de uma região fisiográfica

Fonte:
Caderno da Região Hidrográfica do São Francisco / Ministério do Meio Ambiente, Secretária de Recursos Hídricos – Brasília: MMA, 2006

Baixo São Francisco

área
25.523 km²
altitude
480 a 0 m
n° de municípios*
86

Vegetação predominante
Floresta estacional semidecidual ("mata seca"), mangue e vegetação litorânea

Principais barragens hidrelétricas
Não tem

Submédio São Francisco

área
110.446 km²
altitude
800 a 200 m
n° de municípios*
83

Vegetação predominante
Caatinga

Principais barragens hidrelétricas
Paulo Afonso I, II, III e IV; Moxotó, Itaparica e Xingó

área
402.531 km²
altitude
1.400 a 500 m
n° de municípios*
167

Vegetação predominante
Cerrado, caatinga e pequenas matas de serra

Principais barragens hidrelétricas
Sobradinho, Pandeiros, Correntina e Rio das Fêmeas

Médio São Francisco

área
100.076 km²
altitude
1.600 a 600 m
n° de municípios*
167

Vegetação predominante
Cerrados e fragmentos de florestas

Principais barragens hidrelétricas
Três Marias, Rio das Pedras, Cajuru, Queimados e Paraúna

Alto São Francisco

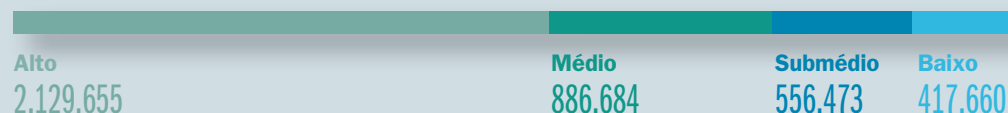
IBGE



população número de habitantes Censo 2010

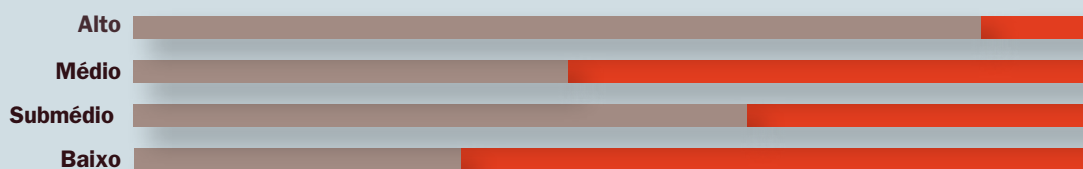


domicílios ocupados Censo 2010



rede de esgoto (%) Censo 2010

■ adequada ■ inadequada



escoadouro ligado à rede geral ou a fossa séptica
outras formas de escoamento

abastecimento de água (%) Censo 2010

■ adequada ■ inadequada



água proveniente de rede geral de abastecimento
outras formas de abastecimento

coleta de lixo (%) Censo 2010

■ adequada ■ inadequada



lixo coletado diretamente por serviço de limpeza (caminhão de coleta) ou indiretamente (caçamba)
outro destino do lixo

Fonte: Grade Estatística 2010: <http://mapasinterativos.ibge.gov.br/grade/default.html>



O IBGE de José Arnaldo

Em Sergipe, no caminho entre uma entrevista e outra, a equipe da Retratos passou por um senhor que, ao ver o carro do IBGE, abriu um sorriso largo e acenou. Era José Arnaldo Resende Nunes, de 92 anos, que chefiou a agência de Propriá por mais de duas décadas. O simpático aposentado ficou muito feliz em contar, para a revista que afirmou ler e gostar bastante, como era o IBGE dele.

“Eu entrei no IBGE durante o Censo. Só não me pergunta qual era, porque não me lembro mais. Comecei novo e só parei com 70 anos. Toda vida gostei de trabalhar.

De segunda a sexta, durante o dia, eu chefiava a agência de Propriá e, à noite, meu trabalho era ensinar estatísticas nesses colégios todinhos daqui da cidade. Naquela época, era uma matéria obrigatória.

Aprendi estatística no próprio IBGE, nos livros que tinham na agência.

Eu gostava muito de ensinar sobre estatística e sobre o IBGE.

Sempre tive muito orgulho.”

texto Mônica Marli
foto Licia Rubinstein
design Pedro Vidal



MINUTO IBGE



No rádio, as informações do IBGE no dia a dia do Brasil

O Minuto IBGE é um programa de rádio semanal, com dados e curiosidades que aproximam as informações do IBGE da população brasileira.

O programa é disponibilizado gratuitamente para emissoras de todo o país, através da **Rede Nacional de Rádio**.

OUÇA TAMBÉM O MINUTO IBGE EM

agenciadenoticias.ibge.gov.br



/ibgecomunica



/ibgeoficial



/ibgeoficial



/ibgeoficial

www.ibge.gov.br 0800-721-8181

IBGE

MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO,
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO



